

ATIVIDADES PRÁTICAS NO ENSINO DE GEOGRAFIA: EXPERIÊNCIAS NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO

GALDINO, Gizelle dos Santos
Universidade Estadual de Goiás, Câmpus de Iporá
gizellegaldino_2@yahoo.com

MARQUES, MarluCIA
Universidade Estadual de Goiás, Câmpus de Iporá
marluCIA.marques@ueg.br

RESUMO

Este artigo se propõe a relatar a experiência vivida como estagiária, baseado nas atividades práticas desenvolvidas através das aulas de regência do Estágio Supervisionado do Curso de Licenciatura em Geografia pela Universidade Estadual de Goiás, realizado na Escola Municipal Valdivino Silva Ferreira no município de Iporá/GO. Tendo como objetivo a reflexão enquanto graduanda sobre a proposta de atividades práticas como metodologia de ensino com o intuito de melhorar o rendimento e assimilação dos conteúdos. Com bases em referências bibliográficas e na experiência vivida no período de observação do Estágio Supervisionado foi possível perceber as dificuldades dos professores da rede básica de ensino, em trabalharem alguns conteúdos da área física de forma mais eficaz para compreensão dos educandos. Para facilitar esse processo foram elaboradas atividades práticas para que houvesse a compreensão por parte dos alunos. Pois consideramos o desenvolvimento de atividades práticas como essencial para nortear o ensino de Geografia que se trata de uma ciência que tem raízes profundas com a prática, não podendo ficar restrita a conceitos prontos, quantitativos e decorados em aulas monótonas. Ao inserir novas metodologias na sala de aula possibilita o processo de compreensão e reflexão dos conteúdos geográficos. Nas atividades de estágio comprovamos a importância das aulas melhorarem em decorrência do envolvimento e da participação dos alunos no processo de execução das atividades, sendo uma motivação a aprender diante os problemas de desinteresse e indisciplina que enfrentamos no Ensino Básico.

Palavras Chaves: Atividades práticas. Estágio Supervisionado. Ensino de Geografia.

INTRODUÇÃO

Entendemos que o papel do professor é de orientar o aluno no processo de aprendizagem significativa e que o seu principal desafio seja desenvolver metodologias capazes de proporcionar a motivação e o interesse dos alunos pelas aulas, absorvendo os

conteúdos e participando da dinâmica da sala de aula, banindo de vez o desinteresse e a indisciplina, resultantes muitas vezes de aulas monótonas presas apenas ao livro didático, quadro e giz.

Percebeu-se a importância de metodologias de ensino capazes de estimular a curiosidade e desejo de aprender dos alunos. Sendo uma maneira muito oportuna quando se tem o intuito de se aprofundar o conteúdo, indo além de informações básicas e superficiais, podendo ser utilizada como uma forma de incorporação do conteúdo ou até mesmo como avaliação de aprendizagem.

Para que a escola possa oferecer as condições necessárias para o desenvolvimento de seres humanos capacitados a contribuir através das relações sociais, políticas e culturais participando como agentes conscientes na sociedade. Conforme os parâmetros curriculares nacionais:

A educação escolar é uma prática que tem a possibilidade de criar condições para que todos os alunos desenvolvam suas capacidades e aprendam os conteúdos necessários para construir instrumentos de compreensão da realidade e de participação em relações sociais, políticas e culturais diversificadas e cada vez mais amplas. Estas condições são fundamentais para o exercício da cidadania na construção de uma sociedade democrática e não excludente. (PCNs, v. 1, 1997)

Pois a Geografia escolar não tem despertado o interesse dos alunos devido à metodologia tradicional empregada por diversos professores nas escolas tanto de Ensino Fundamental quanto de Ensino Médio, predominando abordagens quantitativas limitadas a memorização, identificação de conceitos prontos e tem enfrentado os mesmos desafios das demais disciplinas do ensino básico.

Este tipo de abordagem não estimula a criticidade do indivíduo, sendo que um dos princípios da Geografia é estimular o aluno a olhar de forma mais crítica para a realidade que o cerca, compreendendo e atuando no mundo composto de numerosos elementos interligados, enfrentando os problemas da realidade que os cerca, percebendo as inúmeras mudanças ocorridas no espaço geográfico, pensando e atuando criticamente diante das transformações que serão fundamentais para a percepção da realidade no mundo atual. Cavalcanti (2002) tem procurado pensar o seu papel nessa sociedade em mudança, indicando novos conteúdos, reafirmando outros, questionando os métodos convencionais de Ensino e postulando novos.

Diante disso o artigo tem como objetivo relatar a experiência vivida durante as aulas de regência do estágio supervisionado, baseado em atividades práticas como metodologia de ensino, visando contribuir no processo de ensino-aprendizagem do aluno de forma mais dinâmica e atrativa no Ensino Fundamental nas escolas públicas, gerando reflexões sobre os resultados após o uso desse recurso pedagógico.

Objetiva-se assim em reflexões de como utilizar os instrumentos didáticos, que é possível planejar atividades que deixam as aulas mais diversificadas estimulando a participação dos alunos no rendimento dos conteúdos.

MATERIAIS E MÉTODOS

As atividades foram desenvolvidas nas aulas de regência do estágio, ministradas no 6º ano do Ensino Fundamental na Escola Municipal Valdivino Silva Ferreira no município de Iporá/GO.

Decidiu-se juntamente com a professora regente da escola campo e a professora orientadora de estágio, que as aulas de regência seriam baseadas nessa proposta de realização de atividades práticas, porém que contribuíssem para a assimilação do conteúdo pelos alunos, e que estimulassem os demais professores.

Havendo um acolhimento por todo o corpo escolar, sendo enxergado como uma oportunidade de contribuir com o desenvolvimento dos alunos e desenvolver a capacidade de diversificar as metodologias usadas pelos docentes de toda a escola, visto então como fundamental para a formação dos estudantes.

Vista que a sociedade vem sofrendo transformações de relações, culturais e econômicas e que conseqüentemente são refletidas nos nossos alunos, desta forma também exigem dos docentes mudanças que acompanhem essas transformações, não ficando perdidas no tempo e presas as mesmas metodologias de sempre.

Desta forma nestas aulas não foram utilizados o quadro e giz, mesmo entendendo a importância do uso desses dois instrumentos didáticos que podem e devem ser utilizados, mas que nesse caso seriam representações das aulas tradicionais, por esse motivo não foram utilizados em nenhuma das nove aulas ministradas.

As atividades foram planejadas conforme o conteúdo das aulas, presente no currículo de referência anual e quinzenal da escola, seguindo a sequência didática do

professor regente para que não atrapalhe o andamento do conteúdo da turma. Neste caso foram trabalhados a temática sobre rochas, minerais e solos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A primeira aula ministrada foi sobre rochas e minerais, sendo dois horários no mesmo turno e sala, na primeira aula houve apresentação de slides no Datashow com imagens usadas para identificar o conhecimento prévio dos alunos sobre o conteúdo, as primeiras imagens eram de cavernas utilizadas como residência pelos seres humanos primitivos.

Questionando os alunos se as residências que eles conheciam utilizavam de rochas na sua construção, e conseqüentemente foram mostradas imagens de casas comuns em seus cotidianos, fazendo-os perceberem que rochas e minerais continuam fazendo parte das construções das residências, porém de forma mais moderna. Envolvendo dessa maneira os alunos em um diálogo e em seqüência inserindo o conteúdo a ser ministrado.

No segundo horário os alunos foram divididos em grupos para que pudessem observar alguns exemplares de rochas e minerais, como (Granito, Arenito, Mármore, Argilito, Quartzo, Basalto, entre outros) que foram apresentados a eles, com identificação e com um sucinto diálogo sobre a utilização desses componentes na vida cotidiana. Estimulando a curiosidade dos alunos em saber mais sobre elas, já que a maioria não tinha conhecimentos sobre suas utilidades. Como nas figuras 1 e 2 abaixo:



Figura 1 e 2: Aula sobre Rochas e Minerais.
Fonte: GALDINO, 2015.

Na segunda semana foi ministrada o conteúdo sobre os tipos de solo, conceituando cada um: Argiloso, Arenoso, Húmico e o Calcário, sendo apresentadas características distintas através de imagens sobre o conteúdo pelos alunos; além da produção de exercícios já prontos retirados do livro didático, que se trata de um ótimo instrumento pedagógico quando utilizado de forma contextualizada, para que não se torne o único instrumento didático mais sim um dos muitos que devem ser utilizados, diversificando as metodologias das aulas.

Na segunda aula no mesmo turno os alunos foram levados ao pátio da escola, onde puderam indentificar três dos tipos de solos estudados, o solo húmico encontrado na horta da escola, resultando da decomposição de matéria orgânica dos canteiros; solo arenoso que deve possuir uma média de 70% de areia em relação as suas partículas sólidas, foi encontrado na quadra de areia da escola; solo argiloso que possui mais de 30% de argila na sua composição de partículas sólidas, sendo encontrado em grande quantidade no pátio. Havendo a realização de testes de infiltração, onde os alunos molhavam o solo e observavam o tempo em que ocorria cada processo.

Desta forma o conteúdo é incorporado através de uma atividade prática e simples que possibilitou a transformação da teoria em conhecimento. Apresentados nas figuras 3, 4 e 5 abaixo:



Figura 3, 4 e 5: Aula sobre os tipos de Solo (Argiloso, Arenoso e Húmico).

Fonte: Galdino, 2015.

Na terceira semana de aula foi trabalhado o conteúdo sobre o perfil do solo, através de imagens e amostras de solos, identificando dessa forma os seus horizontes e os processos que ocorrem em cada um deles, e para que fosse possível a assimilação das texturas do solo e a sua diversidade de cores, foi proposto uma atividade prática, a pintura com solos, que se trata de uma técnica onde é utilizado a mistura de 2 partes de solo peneirado, 2 partes de água e 1 parte de cola branca, mexendo bem para ficar com uma textura mais homogênea. Utilizando de solos com variações de cor e tonalidade.

Os alunos foram divididos em grupos para uma melhor organização da sala e distribuição das tintas, começando o desenvolvimento da atividade onde todos os alunos participaram e demonstraram gosto pela proposta em sala, resultando em pinturas de flores, de paisagens, campo de futebol, abstratos entre outros; desenhos que exibiam com clareza a variedades de cores, que neste caso foram utilizadas seis cores diferentes mostradas nas figuras 6, 7, 8 e 9.



Figura 6 e 7: Aula sobre as características do solo (textura e cor).

Fonte: GALDINO, 2015.



Figura 8 e 9: Pintura com solos.
Fonte: GALDINO, 2015.

Após visto a importância do uso de atividades práticas na sala de aula deve-se analisar: a forma como são utilizadas estas metodologias, havendo uma reflexão crítica sobre o fazer; qual o interesse e participação do corpo discente nessa proposta de trabalhar com aulas diferenciadas; que devemos estar atentos a pontuar as deficiências e de contribuir com melhorias, fazendo as adaptações necessárias a cada turma pois sabemos que são distintas e exigem estratégias também diferentes.

a prática docente crítica, implicante do pensar certo, envolve o movimento dinâmico, dialético, entre o fazer e o pensar sobre o fazer. [...] O que se precisa é possibilitar, que, voltando-se sobre si mesma, através da reflexão sobre a prática, a curiosidade ingênua, percebendo-se como tal, se vá tornando crítica. [...] A prática docente crítica, implicante do pensar certo, revolver o movimento dinâmico, dialético, entre o fazer e o pensar sobre o fazer. (FREIRE, 2001 p. 42-43)

E que através dessa concepção possamos perceber que é uma forma de contribuir com assimilação dos conteúdos de uma maneira mais contextualizada, pois se trata de oferecer não apenas a teoria mais a possibilidade dessa teoria se tornar em conhecimento vivido e concreto; gerando reflexões e benefícios significativos aos alunos. Trata-se também de uma oportunidade de trabalharmos a interdisciplinaridade que é a integração entre várias disciplinas de maneira recíproca e que muitas vezes é tão complicado de ser colocado em exercício no cotidiano escolar.

Para Pontuschka (2007) na Geografia, é necessário o professor compreender o que é uma prática tradicional de ensino e uma prática renovada, tais processos acompanham a trajetória da disciplina. E que a Geografia nos permite mudanças de metodologias mais dinamizadas pois,

O ensino da Geografia abre, portanto, um leque de oportunidade para o uso das mais variadas linguagens. O importante é que estas sirvam como fonte complementar ao livro didático e que o professor saiba utilizá-las, problematizando conteúdos para desenvolver competências e habilidades que permitam ao educando não só descrever o espaço, mas compreendê-lo, analisá-lo, fazer sua leitura e nele atuar, aguçando sua capacidade argumentativa, participativa, e construtiva. Assim, estaremos evitando a rotina presente na sala de aula do ensino tradicional e contribuindo para uma verdadeira educação geográfica (SILVA e MUNIZ, 2012, p.65).

As aulas práticas conseguem estimular o aluno a querer conhecer melhor o espaço em que está inserido, querendo compreender o seu papel na sociedade, a pesquisar mais e a desenvolver a capacidade de resolver problemas, tornando-se assim um importante recurso metodológico que facilita o processo de ensino aprendizagem de Geografia. A aula prática torna possível aliar teoria e prática, despertando o interesse e a curiosidade, possibilitando a concretização do conhecimento, tornando assim a aprendizagem significativa para o aluno. Dessa forma passa a ter um maior contato com o conhecimento, não se restringindo a estudar apenas na sala de aula, e conseqüentemente abrindo um maior leque de oportunidades de aprender.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Baseado nos relatos de experiências vividas durante as aulas no Estágio Supervisionado, apresentando neste trabalho como uma síntese das atividades desenvolvidas que foram essenciais para o aprimoramento dos conhecimentos adquiridos durante os anos de graduação, percebemos a importância do estágio para a formação do futuro docente.

Através dessas atividades e das orientações da professora orientadora da disciplina de Didática e Prática Docente em Geografia que nos proporcionaram muitos conhecimentos que vão além da teoria nas aulas da universidade, que nos fazem capazes de organizar os conteúdos, de planejar as aulas sempre levando em consideração que o aluno possa compreender realmente estes conteúdos, que possam ser capazes de pensar na problemática e propor soluções.

Foi notável o interesse dos alunos por essas aulas diferenciadas, que conseguiram chamar a atenção de toda a turma, contribuindo com a diminuição da indisciplina e do desinteresse, conquistando até os alunos com mais dificuldades de

aprender. Ocorrendo uma interação entre o educando, o docente e o conteúdo, tornando a aula um momento de esclarecimento de dúvidas e uma troca de conhecimentos.

Além de toda a experiência adquirida durante as aulas de regência também foram de tamanha importância os momentos de planejamento, onde foram necessários a pesquisa sobre o conteúdo a ser ministrado, as metodologias que melhor se encaixaria nas nossas propostas, as reflexões sobre a importância do conteúdo e a maneira como poderia estimular aos alunos a pensarem mais criticamente.

Todo o cuidado ao planejar algo que realmente consiga complementar a formação dos educandos. Qualquer profissional depende de uma base para continuar a carreira, no nosso caso, a docência, a base é a satisfação do dever cumprido.

Sabemos que conseguimos alcançar o nosso objetivo quando percebemos o interesse dos alunos em interagir nas atividades que foram planejadas e ministradas com dedicação, sendo recompensados no momento da aprendizagem.

REFERÊNCIAS

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Ensino Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília, MEC/SEF, 1997^a, v.1. Edição, 2001.

CAVALCANTI, L. S. **Geografia e Práticas de Ensino**. Goiânia: Alternativa, 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 20 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

PONTUSCHKA, Nídia Nacib. PAGANELLI, Tomoko. CACETE, Núria Hanglei. **Para ensinar e aprender Geografia**. 3. ed. Editora Cortez. São Paulo, 2009.

SILVA, Vládiada. MUNIZ, Alexsandra Maria Vieira. **A geografia escolar e os recursos didáticos: o uso das maquetes no ensino-aprendizagem da geografia**. Universidade Federal do Ceará. Geosaberes, v. 3, n. 5, p. 62-68, jan. / jun. 2012.



COSEMP
CONGRESSO DE
EDUCAÇÃO
5ª EDIÇÃO

FAPEG
FUNDAÇÃO DE AMPARO
À PESQUISA
DO ESTADO DE GOIÁS

**VI SEMINÁRIO
DE ESTÁGIO**

**III ENCONTRO
DO PIBID**

**LICENCIATURA E DEMANDAS EDUCACIONAIS
PNE, INCLUSÃO, ESTÁGIO E PIBID**

CÂMPUS
IPORÁ



**UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE GOIÁS**

ISSN: 2238-8451